

A guerra e o humor: A *Semana Ilustrada* e *Diabo Coxo* e suas representações sobre a Guerra do Paraguai.

War and humor: *Semana Ilustrada* and *Diabo Coxo* and its representations about the War in Paraguay

Nayla Thaynã Soares Alves de Menezes
Mestra em História, Ensinos e Narrativas pela
Universidade Estadual do Maranhão (UEMA).

Resumo:

A Guerra do Paraguai é contada nas mais variadas formas e fontes. Na linguagem jornalística, entre as variadas formas de linguagens, que se centram na referencial, jornalística e narrativa, temos uma que desponta entre os estudos sobre a imprensa neste período: a linguagem satírica. Tendo como pano de fundo a Guerra do Paraguai, que começa entre o fim de 1864 e início de 1865 e se estende até 1870, analisaremos dois periódicos ilustrados. O objetivo é analisar a abordagem sobre o conflito e suas variadas faces pelos dois periódicos: *Semana Ilustrada* e o *Diabo Coxo*, que foram veiculados no Rio de Janeiro e São Paulo, respectivamente, e são os primeiros periódicos ilustrados brasileiros, como também suas análises sobre o conflito e suas variadas faces.

Palavras-chave: Guerra do Paraguai; Imprensa; Periódicos.

45

Abstract:

The Paraguayan War is told in the most varied forms and sources. In journalistic language, among the varied forms of language, which focus on referential, journalistic and narrative, we have one that stands out among studies on the press in this period: satirical language. Against the backdrop of the Paraguayan War, which began between the end of 1864 and the beginning of 1865 and lasted until 1870, we will analyze two illustrated periodicals. The objective is to analyze the approach to the conflict and its varied faces by the two periodicals: *Semana Ilustrada* and *Diabo Coxo*, which were published in Rio de Janeiro and São Paulo, respectively, and are the first Brazilian illustrated periodicals, as well as their analyzes of the conflict and its various faces.

Keywords: Paraguay War; Press; Periodicals.

Introdução

O presente artigo pretende analisar dois periódicos ilustrados brasileiros: *Semana Ilustrada* (1861-1875) e *Diabo Coxo* (1864-1865), discutindo as suas abordagens e percepções sobre a Guerra do Paraguai (1864-1870), na condição de espectadores (satíricos) do conflito.

A década de 1860 trouxe inovações à sociedade brasileira. A imprensa se profissionalizou, passando a representar um papel importante na construção do debate público e da formação cultural, assim como na formação de uma opinião pública pautada na crítica e reflexão sobre a realidade. No caso da Guerra do Paraguai (1864 a 1870), forneceu bases para esclarecimento e construção da consciência pública e política do leitor, por meio da publicação de textos de

naturezas informativa, descritiva, crônica e satírica, no propósito de expor e explicar os motivos do conflito. No desenrolar da guerra, a imprensa torna-se necessária e relevante, e, claro, irreverente, na forma como trata os eventos históricos da época, contribuindo para atualizações da situação da guerra. Fala-se do caráter essencial da imprensa quanto às interpretações sobre as causas que levaram os países da América do Sul a se enfrentarem – Brasil, Argentina e Uruguai (Tríplice Aliança) contra o país vizinho, o Paraguai (ARAÚJO, 2014; 2021).

A guerra ocorria fora do Império e de outras províncias brasileiras, que mesmo distantes dos acontecimentos, recebiam dos principais jornais nacionais e internacionais as notícias do conflito, que durou seis anos. E no que tange à imprensa brasileira, sua trajetória registra marcos históricos importantes do final do século XIX, noticiando os principais eventos como a chegada da família Real para o Brasil (13 de maio de 1808), criação da Imprensa Régia (em mesma data), a independência do Brasil (7 de setembro de 1822) e passando pelos conflitos e disputas políticas regionais, pelo surgimento das novas tecnologias advindas da Revolução Industrial e conquistas econômicas e desenvolvimento social e cultural. A informação passeava pelos jornais, sendo a única forma de comunicação em massa para atualizar o público e construir um debate ideológico, poético, político, social e cultural sobre as atualidades (RODRIGUES, et al., 2021; MATOS; ARAÚJO, 2021).

A chegada da imprensa em terras tupiniquins também representou uma dicotomia, pois:

A imprensa chega como um avanço, mas se torna basicamente uma marionete de D. João VI. Os periódicos criados de início em sua maioria são áulicos, periódicos que só produzem conteúdo que favoreça a imagem e as atitudes do monarca. A censura é mantida a ferro e fogo, o monarca combate as ideias contrárias de várias formas, da proibição dos periódicos até a violência. Vamos ter alguns exemplos de periódicos que são contra a Coroa, por exemplo o *Correio Brasiliense*, um dos primeiros periódicos a gerar alarde em D. João VI. (CARVALHO JÚNIOR, 2019, pp. 18, 19)

Ao longo da história da imprensa brasileira, podemos perceber uma valorização das ilustrações e o consequente consumo que sustentou uma identidade visual sólida e única, constante e progressivamente diferente da imprensa europeia e norte-americana, que também se desenvolviam na época. A litografia tornou-se a tecnologia mais utilizada e acessível para realizar tais ilustrações, até porque chegou sem atrasos ao Rio de Janeiro.

O empenho dos jornais do final do século XIX era trazer para o público em geral os eventos da Guerra do Paraguai e isso ocorria por vários meios, como, por exemplo, pelos textos

jornalísticos de gênero charge. Nesse contexto, a charge se torna mais comum e usual em jornais, regradas em quadros únicos. Nesses quadros podemos encontrar personagens, lugares, objetos e situações comuns do cotidiano, acompanhadas de legendas. São um traço importante as conexões linguísticas e visuais no conteúdo chargístico, sem as quais seria quase impossível o entendimento visual. Como as crônicas, as charges também são representações e narrativas de um cotidiano específico da história nacional, e por cotidiano entende-se uma dimensão de tempo e espaço da realidade em que são realizadas ações humanas das mais diversas especificidades, que revelam, escancaram ideologias e hierarquias (MOTA; ALMEIDA, 2016).

Luiz Guilherme Sodré Teixeira (2001) nos explica que uma característica comum aos chargistas dessa época é a composição formalista e a fidelidade às características físicas dos personagens (observada principalmente na reprodução de militares “dignos de mérito” e reconhecidos por alguma “bravura” em combate). Tinha-se, assim, uma preocupação em torná-los idênticos aos homenageados, criando personagens e cenas dignas de realismo, afastando-se a fantasia e o delírio, que não se encontravam incluídos na significação de realidade.

O autor ressalta ainda que a charge, nessa época, serve de “suporte” para o texto que a acompanha, ilustrando o que seus redatores estão elogiando, contando ou satirizando. Isso se deve ao fato de a cultura cartesiana do século XIX ainda não ter a noção exata das potencialidades da imagem, que não era tão valorizada como tal e sim como referência a um discurso.

Como os jornais diários raramente usavam imagens (dado o imediatismo das edições e notícias), as revistas ilustradas eram os periódicos que mais utilizavam o recurso no período em foco. Como eram vendidas corriqueiramente aos domingos, as revistas não incorporavam o rígido modelo diário dos jornais, marcado pelo imediatismo da notícia e pela necessidade de velocidade na produção. E as criações e produções de charges/ilustrações demandavam tempo e um processo de impressão diferente do habitual, o que impossibilitava a sua produção diária.

O que se pode entender por Charge? A charge pode ser entendida como:

[...] uma representação humorística de caráter eminentemente político que satiriza um fato ou indivíduo específicos; ela é a revelação e defesa de uma idéia, portanto de natureza dissertativa, traduzida a partir dos recursos e da técnica da ilustração. [...] A charge deve ser reconhecida como uma espécie de “editorial gráfico (MIANI, 2005, p. 25)

Desde o século XX verifica-se o alargamento e a inserção de novos conceitos sobre fontes históricas e suas utilizações. A charge, que faz parte do rico campo imagético, traz consigo uma intencionalidade de expor fatos, acontecimentos e ideias de acordo com o que o autor de tal imagem pensa e defende. Logo, as charges podem ser consideradas um texto iconográfico, pois carregam consigo a intencionalidade de levar a reflexão e acrítica, a comunicação e a construção de uma representação. Assim, além de terem a intenção de divertir o leitor, também podem ser entendidas como a representação do seu tempo e espaço histórico.

A charge chega ao Brasil pelo seu nome em francês que significa “carregar”, porém não há uma certeza sobre onde verdadeiramente nasce, se na França do século XVII ou na Inglaterra do século XVIII. Porém, será nesse último país que se localizará o “pai da caricatura política”, o britânico James Gillray (1756-1815), que se consagra como o seu maior nome, com sátiras famosas até a atualidade.

O processo de desenvolvimento das charges nesses países foi distinto. Francesa ou britânica de origem sabe-se que as charges já estavam em utilização na rivalidade franco-britânica durante o reinado de Napoleão Bonaparte (1769-1821), aliando-se no território francês ao Estado, publicando frequentemente charges que satirizavam o rei britânico e seus súditos. Já na Inglaterra, a crítica envolvia os dois beligerantes: Napoleão e o Rei George III (imagem 1). Até o início dos anos 1830 a charge já estava consolidada na imprensa francesa e britânica, tendo nomes como *Le Magasin pittoresque* (França, 1833-1938) e *Punch* (Inglaterra, 1841-2002).

48

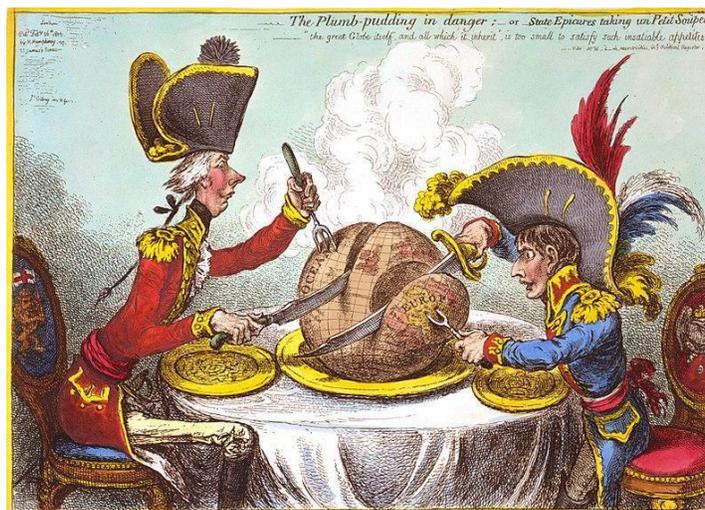


Imagem 1 – “O Pudim de Prumo em Perigo”, James Gillray (1805)

Fonte: www.loc.gov/pictures/item/2001695072. Acesso em: 20 jun. 2023.

Antes de termos o primeiro periódico humorístico publicado em solo tupiniquim, a charge já se encontrava à venda avulsamente pelas ruas do Rio de Janeiro, São Paulo e até Recife. A primeira charge publicada no Brasil é de autoria de Manoel de Araújo Porto Alegre, Barão de Santo Ângelo, no ano de 1837. Anteriormente, o Barão de Santo Ângelo fora estudante de Jean Baptiste Debret na Academia Imperial de Belas Artes do Rio de Janeiro e viajou com ele para Paris para concluir seus estudos na *École des Beaux-Arts* da capital francesa.

Em sua volta ao país, Porto Alegre fundará o primeiro periódico ilustrado publicado regularmente no país, na capital do Império. Sob o nome de *A Lanterna Mágica* (1844-1849), tal periódico tinha como enfoque as discussões sobre polêmicas sociais e políticas, letras e artes plásticas e sua inovação se marca em “unificar” as charges (que antes eram vendidas ao avulso) e os textos jornalísticos em um só local (PARNAIBA E GOBBI, 2014).

Os 17 anos que separam, respectivamente, *A Lanterna Mágica* e a *Semana Ilustrada*, permitiram um avanço técnico considerável da imprensa brasileira e, uma vez que a Guerra do Paraguai foi um conflito que desencadeou uma ampla mobilização sobre o território brasileiro, a imprensa trabalhará paralelamente para criar uma atmosfera nacionalista e com ideia de unidade nacional contra um inimigo em comum: o Paraguai de Solano López. Assim, a propaganda de guerra se mostrará eficaz por trazer discursos, por meio de imagens, para divulgação dos processos da guerra (GIRELLI, 2017).

A representação brasileira na Guerra do Paraguai revelou-se complexa para a consolidação da autonomia comercial do grupo da Tríplice Aliança e pela conduta violenta para dominação econômica do Paraguai. Sobre o conflito, também é possível entender que:

[...] um dos mais trágicos e sangrentos de que o Brasil até hoje participou, eclodiu devido a um conjunto de problemas relativos a jogos de alianças já tradicionais naquela região, e que diziam respeito à política externa paraguaia, dirigida por Solano López, e considerada expansionista pelos adversários. Um dos motivos próximos da guerra, para o Brasil, foi ‘a necessidade de livre acesso ao território brasileiro pelo rio Paraguai, vedado aos nossos barcos por López’ (MENDES E MOREIRA, 2007, p. 24).

Vários são os debates nesse sentido, considerando as contradições sobre as causas da Guerra do Paraguai. A representação da Guerra do Paraguai na imprensa foi bastante significativa para sua legitimação, pois foi responsável por formar “uma comunidade de sentido organizada em torno dos princípios culturais comuns” (PIRES JÚNIOR, 2019, p. 50), isto é, foi responsável por aglutinar e conquistar “mentes e corações favoráveis ao nacionalismo e à ideia de nação”, estimulando o imaginário dos brasileiros no processo que englobava “os conflitos sociais, o papel do Estado e o poder da imprensa”.

A Semana Illustrada e sua viagem pela América Meridional

Henrique Fleiuss, fundador da *Semana Illustrada*, nasceu na cidade de Colônia em 1823, no local em que hoje se compreende como Alemanha, mas à sua época Colônia era uma cidade do Reino da Prússia. Tendo estudado Belas Artes tanto em sua cidade natal como em Düsseldorf, Fleiuss chega à cidade do Rio de Janeiro em 1858, por intermédio de Carl von Martius, do qual era discípulo. Em 1859, já estabelecido na Corte, Fleiuss funda, junto com seu irmão Carlos e o pintor Carlos Linde, um estabelecimento tipográfico. Em 1861 nasce a *Semana Illustrada*.

A “viagem humorística pela América Meridional” da *Semana Illustrada* começa no início de 1861 e se finda em 1875. Tal revista mesclava textos e ilustrações litográficas, com periodicidade semanal e chegava aos seus leitores todos os domingos. Foi considerada a primeira publicação humorística ilustrada da imprensa brasileira (KORACAKIS, 2020). E além de ter Henrique Fleiuss como fundador, teve colaboradores importantes como Machado de Assis, Quintino Bocaiuva, Joaquim Manuel de Macedo, Joaquim Nabuco, Bernardo Guimarães, Flumen Junius e outros (MENDES; MOREIRA, 2007). Mesmo próxima da Coroa, a *Semana Illustrada* era sucesso editorial junto às elites, tornando-se defensora da campanha republicana (BRASIL, 2020).

O conceito de Revista Ilustrada pode ser entendido como:

[...] uma classificação que designa uma série de publicações que tiveram relativo sucesso, principalmente durante o século XIX, em vários países. No Brasil, as revistas ilustradas se concentraram no período de 1860 a 1910, nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. Eram publicações pequenas, dificilmente superando as 16 páginas, que incluíam textos relativamente curtos – humor, ficção, poesia, crítica literária e teatral, e muitos comentários políticos –, mas dava ênfase às ilustrações, quase sempre humorísticas, de boa qualidade artística, com excelente técnica de produção e impressão para os padrões da época (KORACAKIS, 2009, p. 01).

A “*Semana Illustrada*” seguia o gênero humorístico e crítico, trabalhando por meio de caricaturas os eventos da Guerra do Paraguai e seus personagens. As charges chamavam a atenção dos leitores e os estimulavam a refletir sobre seus sentidos e significados. Ao utilizar este tipo de gênero jornalístico, a revista expunha suas ideias, elevando os debates políticos e fomentando novos conceitos de natureza sociocultural. Assim, a “*Semana Illustrada*”, na edição de 22/01/1865, combinou nacionalismo com exaltação dos heróis da guerra e, ao mesmo tempo, alfinetou os líderes do conflito, como observado na imagem 2:



S. SEBASTIÃO.
GUIANDO O BRASIL CONTRA OS INIMIGOS DA PATRIA.
Com passo firme e a mão valente armada
Brasil, guiar-te-hei ao céu da gloria.
Tens inimigos? Toma a tua espada,
Dita-te ao campo e cantarás victoria!

Imagem 2 - *Semana Illustrada*, de 22 de janeiro de 1865

Fonte: <http://memoria.bn.br>. Acesso em: 01 mar. 2021.

A revista tinha como intenção representar:

[...] o Brasil, a alegoria feminina está armada de uma lança e protegida pelo escudo, que contém a bandeira imperial, suas vestes fazem alusão às vestes indígenas, encoraja outros a segui-la para conquistar a vitória. Juntamente com a moça está São Sebastião, com espada em punho e um escudo, a bandeira que está tremulando atrás dele é a proteção para todos que os seguirem ‘Grande Santo, protector Do Império de Santa Cruz’. A colheita de triunfos teus protegidos conduz! Com tua espada inflamada Afrente dos Brasileiros, sejam eles invencíveis, sejam heróis verdadeiros!’ (GIRELLI, 2017, p. 28)

E por outro lado, a partir da imagem 3, satirizava o adversário de guerra, o Paraguai, onde no exemplar nº 228, de 12/02/1865 faz referência a Solano López como tirano e com postura arrogante diante da guerra travada contra a Tríplice Aliança. Responsabilizava o ditador paraguaio por milhões de mortes, incluindo mulheres e crianças. A impressão da imagem caricaturada era sobre “a arrogância de quem está disposto a ‘reinar um trono de cadáveres’” (GIRELLI, 2017, p. 30) e de quem observava a tragédia sem se preocupar com as consequências, além de evidenciar o Brasil ao fundo como também participante.

52

A imagem 3 traz a seguinte representação:



O TYRANNO DE PARAGUAY.

— Quero representar a lava, destrahido tudo quanto se oppuzer à minha passagem; quero reinar sobre um throno de cadaveres (A tou de Lopez).
— Não te iludas, despoja tuos olhos. A tua missão de algos o cannibal está expirando. Breve pagarás por tanto todos os horrores e crueldades contans no fim do (A tou de Lopez).

Imagem 3 – *O Tyrano de Paraguay*
Fonte: *Semana Illustrada*, nº 228, 12/02/1865.

A maioria das campanhas dos jornais e revistas do gênero humorístico e contrários às ações do Império, que buscava elevar os debates políticos para formação de uma República, chamando a atenção do público sobre estes temas, de forma irônica, crítica e reflexiva, associados aos eventos da Guerra do Paraguai, com suas causas e consequências para a América do Sul e, principalmente, para o Brasil (GIRELLI, 2017).

A atuação dos periódicos envolvia, portanto, compreender a totalidade social e histórica e as contradições presentes no discurso em relação aos problemas sociais existentes na época, como a escravidão, discutir a passagem do sistema monárquico para República, os conflitos armados e articulações políticas em termos de poder e dominação (PAULA, 2011). De modo que as revistas ilustradas surgem ao final do século XIX “para a propagação de ideias dos grupos e luta pelo poder político e econômico” (TOLEDO; PAULA, 2021, p. 2).

Outra questão que trouxe problemáticas ao decorrer do conflito foi a participação dos negros, escravos e libertos, na Guerra. É possível entender que: “o alistamento era obrigatório” para composição do Exército brasileiro o que levou aos casos de “resistência por parte dos negros e a adoção de uma nova estratégia por parte do governo”, tal como, “a promessa de liberdade aos escravos após o termino da guerra”, vindo gerar “um significativo aumento no alistamento”. (PEREIRA, 2018, p. 157).

O decreto imperial de Nº 3.371, de 7 de janeiro de 1865, criava oficialmente o Corpo de Voluntários da Pátria, tendo Dom Pedro II como seu primeiro voluntário. O decreto fora criado não apenas com a intenção de formar as forças responsáveis por defender o Império do algoz Paraguai, mas também tinha a intenção de atrair, por meio de recompensas, homens que ingressassem nos batalhões de forma voluntária. O decreto valeria em todas as províncias do Império, sem distinção.

Segundo Pereira (2018) e Leite (2021), a presença dos soldados negros, escravos e libertos, na guerra era noticiada de forma irônica também pelo seu adversário paraguaio e vista como vergonhosa para o Brasil, por se tratar de um quantitativo superior aos dos soldados brancos brasileiros. Contraditório, pois, o Brasil não era o único a utilizar essa população nos fronts de

batalha, o Paraguai também o fazia, apesar da chegada do debate da abolição da escravatura entre os acordos internacionais para eliminação da escravidão no mundo – ambos ainda escravagistas.

Sobre as charges inseridas nos periódicos, percebe-se que estas carregam consigo uma intencionalidade política e um dos temas representados sobre esse período é a questão do voluntariado para o conflito. Assim, esse tema se insere na análise da imagem 4:



Imagem 4 – *Os Voluntários da Pátria*
Fonte: *Semana Illustrada*, nº 219, 19/02/1865.

A *Imagem 4* nos traz o furor dos primeiros anos de voluntariado. Em um apanhado geral, analisamos à esquerda mulheres e homens chorando, abraçando seus familiares que estão a partir para os navios (ao fundo) que os levariam até o front de batalha. À direita, vemos homens abraçados, levantando os chapéus em forma de cumprimento, carregando suas armas, mochilas e trouxas de roupas.

O voluntariado traz um fervor à população brasileira, que foi aflorada pelos incentivos do decreto imperial n. 3.371. Na imagem, se vê a representação de pessoas chorando e se abraçando ao se despedir de seus familiares, ao fundo, encaminhando-se para as embarcações, vemos homens ao se abraçarem (em sinal de fraternidade/companheirismo), felizes ao se despedirem. Representa-se, nesta charge, a união de familiares, amigos e combatentes em torno de um propósito: restaurar a honra brasileira.

A charge não é um veículo neutro, logo, mesmo que implicitamente, ela ilustra a colocação/interpretação de seu desenhista. Com as charges e caricaturas analisadas não será

diferente, elas carregaram as noções, por vezes políticas, de seus desenhistas. Henrique Fleiuss, amigo próximo da Corte, embora discreto, pode ser entendido como um conservador, uma vez que era contra os republicanos e liberais, pois: “O periódico possuía a mesma atitude [de criticar] em relação a todas as formas que visavam contestar os valores políticos estabelecidos [...]”. (LOPES, 2008, p. 2).

Segundo Lopes, havia um “certo cuidado do caricaturista ao abordar a Família Imperial embora não significasse que críticas a determinados setores da vida política do Império fossem realizadas no periódico” (LOPES, 2010, p. 112-113). Logo, podemos imaginar que as charges desenhadas por Fleiuss se caracterizavam como pró-monárquicas e conservadoras, tais quais as outras que compõem o seu periódico ilustrado.

Além dos negros escravizados, a Guerra do Paraguai teve a participação de estrangeiros e jovens brasileiros em geral, oriundos ou não dos cargos públicos dentro do exército. Em geral, todos foram chamados para a guerra, acendendo neles os sentimentos de “camaradagem” e de civismo. Combater na guerra era visto como dever à pátria que os estabelecia e alimentava (NEUMANN, 2016).

55



O grande Condé dizia que para concluir-se a guerra no mais breve espaço de tempo, erão necessarias duas coisas: homens e dinheiro; e o Sr. José Luiz Alves, negociante de grosso trato n'esta praça, comprehendeu perfeitamente o axioma de Condé; comprando e libertando um escravo, offerecendo-o para marchar para o theatro da guerra, pagou-lhe adiantado um anno de fardamento, soldo e etapa. Assim, praticou elle um acto de patriotismo, diminuiu o numero dos escravos e augmentou o dos soldados. Parabens ao honrado Fluminense. Honra a elle e a todos os que seguem tão nobre exemplo!

Imagem 5 - Negociante alforria seu escravo para a Guerra

Fonte: *Semana Illustrada*, nº 309, 11/11/1866.

Na imagem 5, publicada na edição de nº 309 da *Semana Illustrada*, vemos dois homens, um com roupas formais, à direita, retirando a algema de seu escravo, o homem de roupas brancas à esquerda, e dando-lhe uma lança. Ao final, na direita, podemos ver a estátua de uma figura feminina a segurar um escudo com o nome “Liberdade”; mais no fundo, à esquerda, uma mochila pronta para uma possível partida. A legenda da imagem é a seguinte “[...] e o Sr. José Luiz Alves, negociante de grosso trato nesta praça, compreendeu perfeitamente o axioma de Condé, comprando e libertando um escravo, oferecendo-o para marchar para o teatro da guerra, pagou-lhe adiantado um ano de fardamento, soldo e etapa. Assim, praticou ele um ato de patriotismo, diminuiu o número dos escravos e aumentou dos soldados. Parabéns ao honrado fluminense, honra a ele e a todos os que seguem tão nobre exemplo!”

A ideia do governo imperial era incentivar a libertação dos escravos como forma de empenho patriótico e não nos surpreende que Fleiuss, amigo do Imperador e apoiador da monarquia, tenha desenhado suas charges para fazer menção a tal condição, que mostrava a situação “desesperadora” que o Império vivia com o prolongamento do conflito e a queda no recrutamento. Tal atitude representou para os proprietários um bom negócio, pois os esquivaria de participar do conflito e também alguns poderiam conseguir um título de nobreza.

Henrique Fleiuss se torna pioneiro com a *Semana Illustrada*, pois irá manter uma longevidade em uma época em que os jornais ilustrados eram breves e pequenos, com poucos durando mais de um ano. Assim, o advento da *Semana Illustrada* trará um modelo para os próximos periódicos lançados a seguir, como o *Diabo Coxo*.

A fidelidade de Fleiuss ao imperador é constante. Vemos em suas edições as frequentes sátiras a Solano López e a sua armada. A *Semana Illustrada* cobre o conflito no Paraguai em sua totalidade, criticando os considerados inimigos da pátria, fazendo campanha ao voluntariado e à vontade “patriótica” dos brasileiros ante o conflito. Propagandeava o conflito e mostrava-se temerosa (ou conservadora) em mostrar a real situação em que se encontravam o Exército e a Marinha Imperial, sucateados por parte do governo imperial, que se viu obrigado a modernizá-los e torná-los instituições atuantes no calor do conflito, tudo aliado ao descaso com o inválidos de guerra, que foram abandonados à própria sorte.

A *Semana Illustrada* findará suas publicações em 1875. Fleiuss ainda chegou a se dedicar a outros projetos: *Ilustração Brasileira (1876-1878)* e a *Nova Semana Illustrada (1880)*, porém nenhuma alcançou o sucesso da *Semana Illustrada*. Henrique Fleiuss morreu em 1882 na cidade do Rio de Janeiro.

O Diabo Coxo

Estrangeiro, tal como Henrique Fleiuss, Ângelo Agostini, fundador do *Diabo Coxo*, nasceu em Vercelli, Piemonte, na Itália, que era então formada por vários estados fragmentados e independentes. Chega ao Brasil em 1859, estabelecendo-se em São Paulo, tendo antes morado em Paris. Em 1864 funda, junto a Luís Gonçalves Pinto da Gama e Sizenando Barreto Nabuco de Araújo o periódico ilustrado *Diabo Coxo*, que durou pouco tempo (1864-1865).

A cultura impressa de São Paulo era atípica e descontínua, resultado do que os pesquisadores Danilo Aparecido Champan Rocha e Sandra de Cássia Araújo Pelegrini (2018) acreditam ser o reflexo da economia paulista concentrada na subsistência. Assim, a chegada do *Diabo Coxo* traz uma inovação a esta província: é o primeiro periódico paulista a combinar a linguagem e as imagens em suas publicações. Em suas páginas, tinham-se o predomínio de pautas como os eventos políticos, sociais, culturais, econômicos e religiosos do cotidiano paulista oitocentista.

Sobre a importância do *Diabo Coxo* para a imprensa paulista, ressalta os pesquisadores Danilo Aparecido Champan e Sandra de Cássia Araújo Pelegrini (2020, p. 352) que:

A fundação em São Paulo do *Diabo Coxo* significou um marco para a imprensa paulista. Seminário (sic) domingueiro, as folhas humorísticas incorporavam novos assuntos, de caráter cultural e cotidiano, voltados para as demandas da elite intelectual no Brasil, público cada vez mais preocupado com as pautas referentes às atualidades e às variedades. Textos sobre a moda, a arte, os costumes e o humor, conteúdos até então desprezados pela imprensa local paulistana, foram discutidos pelo hebdomadário de forma satírica como uma crítica àquilo que os redatores consideravam um empecilho para a modernização da sociedade.

Como já relatado, o *Diabo Coxo* tinha como modelo a *Semana Illustrada*. O periódico possuía oito páginas e era dividido em quatro páginas reservadas aos textos e quatro páginas reservadas às ilustrações. As ilustrações e os textos jornalísticos eram impressos em locais diferentes: ilustrações eram impressas na Typographia e Lithographia Allemã de H. Schroder e as

páginas textuais na Typographia Imparcial de Marques & Irmão, localizadas na cidade de São Paulo.

Nem só de elogios era visto o voluntariado para a guerra. Ângelo Agostini, com seu primeiro jornal ilustrado (que foi também o primeiro jornal ilustrado da província de São Paulo) O *Diabo Coxo*, nos mostra o quão “involuntário” já estava se tornando o alistamento para a Guerra do Paraguai. O que torna Agostini livre para poder criticar a quem lhe interessasse era a inexistência de laços com grupos sociais e políticos, embora mais adiante se mostrasse um adepto do Partido Liberal. Agostini sentia-se livre para criticar os mais variados grupos sociais e políticos da província de São Paulo e, posteriormente, da Corte. Entretanto, cabe ressaltar que Agostini também ilustrava e ressaltava o patriotismo em alta durante os primeiros anos do conflito, como vemos na Imagem 6.

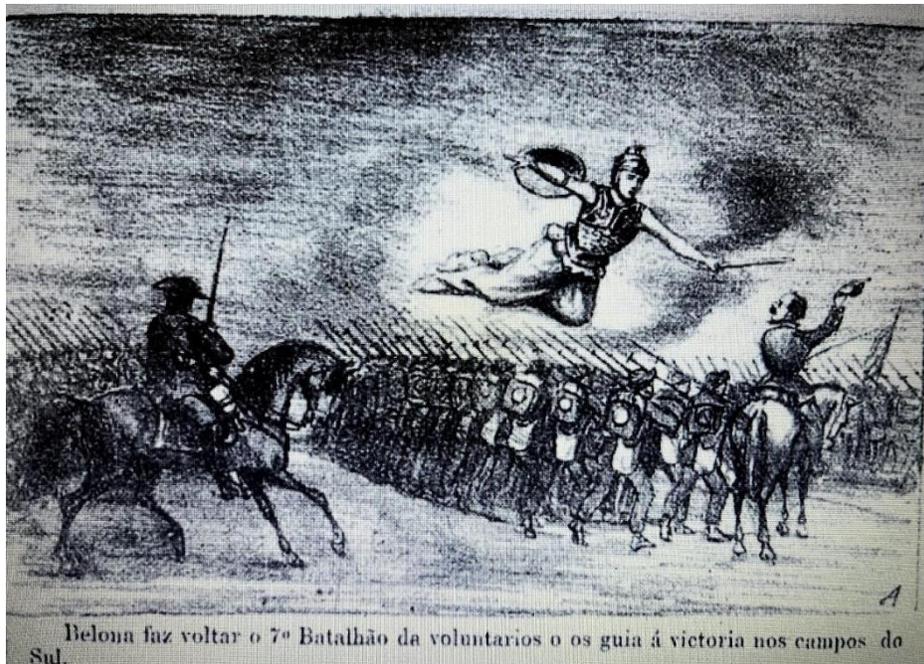


Imagem 6 – “*Belona faz voltar o 7º Batalhão de voluntários o os guia á victoria nos campos do Sul.*”

Fonte: *Diabo Coxo*, nº 2, 30/07/1865.

A imagem 6 traz o 7º Batalhão de Voluntários da Pátria sendo guiado por Belona, deusa da Guerra na Mitologia Romana, anterior ao sincretismo romano com a Mitologia Helênica. Agostini, embora se detenha em criticar por muitas vezes o (in)voluntariado militar do conflito,

também debaterá sobre os ideais patrióticos brasileiros, uma vez que o país fora invadido por um tirano, Solano López, e há um sentimento de pátria lesada. Assim, é possível pensar um ideal não só de irmandade, mas também de patriotismo, onde soldados possuem o destino de libertar não só os locais que foram invadidos e capturados pelos paraguaios, como também o próprio Paraguai das mãos de seu tirano.

Sobre o voluntariado, Agostini será pertinente, claro e objetivo, o que nos permite entender sem maiores problemas qual a sua posição diante da situação. Assim, analisaremos as *imagens* 7, 8 e 9 que, respectivamente, expõem a noção que Agostini tinha sobre o voluntarismo na cidade de São Paulo e sua própria noção sobre os soldados que compunham a fileira da Guarda Nacional.



Imagem 7 - Caça de patriotas para voluntários involuntários
Fonte: *Diabo Coxo*, nº 6, 16/08/1865

A Imagem 7 traz as primeiras “denúncias” de Agostini ao voluntarismo forçado para o conflito. Já no título, pode-se observar o trocadilho de palavras com “*Caça de patriotas para voluntários involuntários*”; podemos também observar, à esquerda, um homem fugindo sobre um cavalo e o ambiente nos revela o campo, afastado dos grandes centros urbanos. Vemos soldados do exército levando à força (algo que se confirma ao analisarmos os pés tensionados no chão) homens do campo, que se caracterizam por roupas informais, chapéus de palha e pés descalços. Sobre as condições de ocorrência dos recrutamentos (na província de São Paulo), Marcelo Balaban observa, em duas passagens, que “chamar de voluntários recrutas ilegalmente capturados colocava

em questão a forma como estava sendo feito o recrutamento na província de São Paulo” (BALABAN, 2009, p. 233).

Noutro trecho:

Os muitos desenhos sobre a guerra publicados na imprensa ilustrada, especialmente os focados no recrutamento forçado, são reveladores desse processo. Não foram poucas as imagens que tematizaram a questão. A sua recorrência, inclusive, chama a atenção, já apontando para a centralidade do tema naquela sociedade, em especial no contexto da guerra (BALABAN, 2009, p. 230).

Muitas charges publicadas na imprensa brasileira tinham como pauta o recrutamento para o conflito, que, devido à baixa adesão, estava se tornando forçado. Essa ilegalidade era denunciada não só nas ruas, como também na imprensa. Tal prática convergia entre os interesses privados, quando as garantias individuais, ou seja, a opção de não ir para o *front*, se encontravam desrespeitadas, e a causa nacional, ou seja, a proteção e defesa da honra nacional, encontrava-se urgente e com baixa adesão. O clima era, portanto, tenso, entre o interesse público e o Império (BALABAN, 2009).

Discorrendo mais sobre o processo do voluntariado, era prometido que, além de soldo (de 300 réis a diária), os soldados receberiam mais 300 mil réis ao fim da guerra ou em sua baixa. Também teriam oportunidades de serem alocados no serviço público, direito a pensões, ou, caso fossem feridos em combate, a uma parte do soldo. Por fim, o decreto também prometia terras em colônias agrícolas ou militares (SILVA, 2016).

Tais ações atraíram inicialmente muitos brasileiros. Porém, houve grande resistência por parte da elite da Guarda Nacional (oficiais de altas patentes como Coronéis e Capitães), que não pretendiam ir à guerra, preferindo serem “substituídos” pelos seus escravos, que eram encaminhados para o combate no lugar de seus filhos ou de si próprio. Também, diante da duração de mais de dois anos de uma guerra que havia sido projetada para durar menos de um ano, o voluntariado caiu. Assim, a euforia que ocorreu no início da guerra dava espaço à descrença no recrutamento, e no momento mais crítico do conflito, quando havia a necessidade de mais homens para evitar o avanço dos paraguaios e para marchar rumo ao território do inimigo.

Na imagem nº 8, publicada na última edição do *Diabo Coxo*, analisamos os trocadilhos entre “liberdade”, “escravidão” e “barbárie”:



Imagem 8- Bárbaros paraguaios! Aqui vos trago uma coorte de voluntários para libertá-los.

Fonte: *Diabo Coxo*, nº 12, 31/12/1865

Na Imagem 8, temos à esquerda o território compreendido como o Paraguai, ao meio a fronteira que divide o Paraguai e o Império, e à direita, vemos um oficial brasileiro mostrando aos “bárbaros paraguaios” os seus “libertadores”, acorrentados pelas mãos e pescoço; mais ao fundo, ainda na direita, identificamos um soldado batendo em um escravo. A ironia nessa charge é a interpretação sobre o que é liberdade e barbarismo, uma vez que o Império do Brasil, que continuava a ter sua economia baseada na mão de obra escrava, incorpora ao seu espírito de batalha a libertação do Paraguai, dominado por bárbaros. Essa charge então evidencia as realidades do Brasil e Paraguai à época, em que os mesmos negros que eram escravos, colocados à margem da sociedade, ingressariam nos pelotões dos voluntários, tendo como intuito liberar não só seu país, como também o Paraguai, da barbárie e infâmia trazida por Solano Lopez.

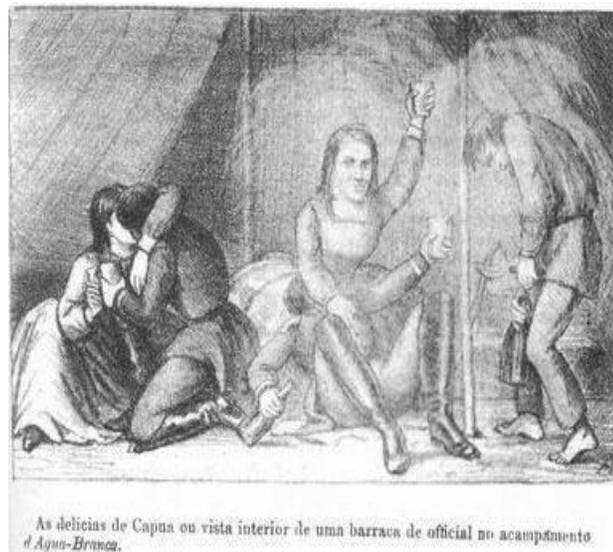


Imagem 9- Vista interior de uma barraca de oficial no acampamento de Água Branca
Fonte: *Diabo Coxo*, nº 2, 30/07/1865.

62

A crítica da imagem 9 se centra nas “delícias” que existiam nas barracas dos oficiais do exército brasileiro. Encontramos numa dela três oficiais e duas mulheres, sendo perceptível à esquerda um casal se beijando, ao meio a segunda mulher segura um copo e, abaixo dela, outro oficial se encontra deitado, também portando o copo na mão esquerda e uma garrafa de álcool na mão direita; por último, na direita, percebe-se um terceiro oficial, aparentemente bêbado, descalço e mal vestido, tentando abrir uma garrafa. Essa cena acaba por se tornar comprometedora para a imagem íntegra do exército imperial, mas era comum no dia a dia das campanhas, em que temos registros de mulheres que acompanhavam as militares como cortesãs.

Serão essas críticas, não só ao voluntariado e à armada, mas à conservadora sociedade paulista oitocentista que comprometerão a vida do *Diabo Coxo*. O periódico encerra sua passagem pela imprensa paulista em 31 de dezembro de 1865, após a edição de número 12, na Segunda Série do jornal, totalizando 24 números produzidos. Sobre isso, pode-se entender que:

As críticas e as denúncias do *Diabo Coxo* sobre as arbitrariedades e os desmandos cometidos pelas autoridades locais no recrutamento para preservarem os seus interesses provocaram um alvoroço na pequena capital paulista. A pressão política e as represálias comprometeram as finanças da revista [...]” (PELLEGRINI; ROCHA; 2018, p. 95; 96).

Mas o fim de o *Diabo Coxo* não representa o fim da carreira de Ângelo Agostini, pelo contrário. Agostini ainda fundará na capital paulista o periódico ilustrado *O Cabrião*, que também contará com uma vida efêmera, durando de 1866 a 1867. Posteriormente se mudará para a capital do Império, o Rio de Janeiro, onde fundará a *Vida Fluminense*, seu jornal de maior sucesso e vida longa, sendo publicado de 1868 a 1875.

Sem dúvidas, o *Diabo Coxo* representa um pioneirismo na imprensa paulista, pois utiliza novos recursos (caricaturas, ilustrações) que até então eram desconhecidos para o público. Até então, nenhum periódico paulista havia inserido ilustrações combinadas aos textos jornalísticos. À sua época, lhe era páreo apenas a *Semana Illustrada*, fundada dois anos antes na província do Rio de Janeiro.

Considerações finais

Analisamos dois periódicos importantes e interessantes a época da Guerra do Paraguai, cujo se torna perceptível que tais noções fazem parte de uma propaganda realizada pela imprensa, principalmente a de cunho monárquico como *Fleius* e a *Semana Illustrada*. Elas propagavam o conflito e mostravam-se temerosas (ou conservadoras) em apontar a real situação que se encontravam o Exército e a Marinha Imperial, sucateados por parte do governo imperial, que se viu obrigado a modernizá-los e torná-los instituições atuantes no calor do conflito, aliando-se ao descaso com o inválidos, que foram abandonados a sua própria sorte. Poucos foram os autores/redatores/editores/ilustradores à época que criticaram o conflito, mostrando que o teatro de guerra era na verdade um teatro de horror, sangue e violência, como foi no caso de Ângelo Agostini e as poucas edições de *Diabo Coxo*.

Pode-se perceber o empenho dos jornais em criar uma euforia nos cidadãos provinciais em três frentes. A primeira, empenhando-se em trazer semanalmente as notícias sobre conflitos ocorridos em outros países, com o governo brasileiro atuando em prol de sua segurança, já ambientando uma possível guerra. Em segundo, quando já declarada a guerra, procura-se mostrar o Brasil como vítima de uma guerra, sendo um país invadido e agredido que precisaria recuperar seus territórios invadidos e sua honra atingida, convocando os nobres cidadãos patrióticos ao maior confronto nacional: o de honrar e proteger seu país. Em terceiro, mostrar corriqueiramente

voluntários já dispostos a entrar no front de batalha, mostrando sua coragem e comprometimento para com a pátria. Dentro desse contexto, também poderá ser ressaltado o empenho em destruir a imagem do presidente paraguaio Solano López, criticando sua conduta por ter entrado em guerra com países que “promoviam a paz”, sendo retratado frequentemente como um ditador louco (ARAÚJO, 2021; GABRIEL, 2019).

Por fim, é notável que imprensa ilustrada brasileira foi importante ao difundir o patriotismo, pois, além de engajar os homens, também buscava chegar em toda a população, em um processo de simultaneidade nacional. Ou seja, a imprensa terá o poder de homogeneizar a população (no que diz respeito ao acesso simultâneo às mesmas informações) em torno de uma ideia/ideal. Para tanto, enfatizava atos em batalha, que embora considerados “comuns”, eram reproduzidos como verdadeiros feitos heroicos e cruciais para uma vitória. Entretanto, nem só de elogios e engajamento ao conflito vivia esta imprensa, que também criticava a guerra por seu arrastar, dando ênfase a discussões e momentos que posteriormente viriam a ser analisados e pesquisados a fundo pela historiografia do conflito.

Referências

Fontes

Revistas e Jornais ilustrados

AGOSTINI, Angelo. *O Diabo Coxo*. São Paulo: EDUSP, 2005 (Edição fac-similar).

SEMANA ILLUSTRADA. Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=702951&pasta=ano%20186&pesq=>. Acesso em 19 Maio 2023.

Bibliografia

ARAÚJO, Johny Santana de. A imprensa no Maranhão na segunda metade do século XIX: Estado imperial, jornais e a divulgação da Guerra do Paraguai para um público leitor. **Dimensões**, v. 33, p. 360-83. 2014. ISSN 2179 8869. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/9110/6416>. Acesso em 12 Maio 2023.

ARAÚJO, Johny Santana de. O jornal Publicador Maranhense e a construção da Guerra do Paraguai 1865-1868. **Revista Outros Tempos**, v. 18, n. 32, p. 278-97, 2021. Disponível em:

https://www.outrostempos.uema.br/index.php/outros_tempos_uema/article/view/858/910. Acesso em 12 Maio 2023.

BALABAN, Marcelo. “Voluntários involuntários”: o recrutamento para a Guerra do Paraguai nas imagens da imprensa ilustrada brasileira do século XIX. **Revista Mundos do trabalho**, 2009, 1.2: 221-256. Disponível em: <
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/mundosdotrabalho/article/view/19849222.2009v1n2p221/11102>>. Acesso em 12 Maio 2023.

CARVALHO JUNIOR, Cleudon Paulo. **Imaginários da guerra grande**: representações da Guerra do Paraguai nas ilustrações da revista carioca *Semana Ilustrada* (1865-1870). Relatório de Iniciação Científica (Doutorado). Brasília: UniCEUB, 2019. Disponível em: <
<https://www.gti.uniceub.br/pic/article/view/6352/4371>>. Acesso em 3 Dez 2023.

FONSECA, Letícia Pedruzzi; A publicação periódica ilustrada brasileira no século XIX p. 424-436. In: **Anais do 12º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design** [= **Blucher Design Proceedings**, v. 9, n. 2]. São Paulo: Blucher, 2016. . Disponível em: <
efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://pdf.blucher.com.br/designproceedings/ped2016/0037.pdf>. Acesso em 3 Dez 2023.

GIRELLI, P. **A Guerra do Paraguai nas charges e caricaturas da semana ilustrada de 1865**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História). Erechim: Universidade Federal da Fronteira Sul, 2017.

Gabriel, M. A. (2019). “Lembranças da Guerra do Paraguai” na obra de Pedro Nava. **Revista Territórios E Fronteiras**, 12(2). Disponível em: <
<https://doi.org/10.22228/rtf.v12i2.967>>. Acesso em 14 Jan 2024.

KORACAKIS, T. **Machado de Assis, colaborador da Semana Ilustrada (1860-1875)**. 2009. [recurso online]. Disponível em: http://www.filologia.org.br/machado_de_assis/.pdf. Acesso em: 25 fev. 2021.

LEITE, Gisele. Genocídio latino, a guerra do Paraguai. **Journal Jurid**, 02 de Dezembro de 2021. Disponível em: <
<https://www.jornaljurid.com.br/columas/gisele-leite/historiografial-da-guerra-do-paraguai-muitas-versoes>>. Acesso em: 15 jun. 2020.

LOPES, Aristeu Elisandro Machado. **A república e seus símbolos: a imprensa ilustrada e o ideário republicano. Rio de Janeiro, 1868-1903**. 423 f. Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação em História. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010.

MATOS, Marcos Fábio Belo; ARAÚJO, Roni César Andrade. Imprensa no Maranhão: trajetória bicentenária. **Revista Outros Tempos**, v. 18, n. 32, p. 169-75, 2021. Disponível em <
https://www.outrostempos.uema.br/index.php/outros_tempos_uema/article/view/855/905>. Acesso em: 15 jun. 2020.

MENDES, A.; MOREIRA, W. Semana ilustrada: história de uma inovação editorial. **Cadernos da Comunicação – Série Memória**. Rio de Janeiro: Prefeitura do Rio de Janeiro, Secretaria Especial de Comunicação Social, 2007. Disponível em < <https://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204434/4101427/memoria19.pdf> >. Acesso em 2 Jan 2024.

MIANI, Rozinaldo Antonio. **As transformações no mundo do trabalho na década de 1990: o olhar atento da charge na imprensa do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC paulista**. 2005. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual Paulista, Assis.

NEUMANN, Gerson Roberto. A Guerra do Paraguai na imprensa e na literatura de língua alemã publicada no Brasil. **Revista Nau Literária**, Porto Alegre, UFRGS, v. 12, n. 02, p. 69-83. 2016. Disponível em < <https://doi.org/10.22456/1981-4526.76273> >. Acesso 10 Jan 2024.

PAULA, Edgley Pereira. A Imprensa vai à Guerra do Paraguai. O uso da caricatura como arma de guerra no século XIX. **Albuquerque: revista de história**, v. 3, n. 6, 2011. Disponível em < <https://doi.org/10.46401/ajh.2011.v3.3987> >. Acesso 10 Jan 2024.

PEREIRA, Bruno C. As “Guerras do Paraguai”: uma breve revisão das análises da grande guerra a partir das perspectivas historiográficas do último quartel do século XX. **Revista ARS Histórica**, n. 17, p. 150-61, jul./dez. 2018. Disponível em < <https://revistas.ufrj.br/index.php/ars/article/view/46625> >. Acesso 10 Jan 2024.

66

PIRES JUNIOR, Arnaldo Lucas. **Imagens da guerra: imprensa, nacionalismo e formação do estudo brasileiro na Guerra do Paraguai**. Tese (Pós-Graduação em História Social). Rio de Janeiro: UFRJ, 2019.

PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo; ROCHA, Danilo Aparecido Champan. As narrativas visuais sobre a Guerra do Paraguai no Diabo Coxo. **Navigator**, v. 14, n. 27, p. 87-98, 2018. Disponível em < <https://portaldeperiodicos.marinha.mil.br/index.php/navigator/article/view/653/646> >. Acesso 10 Jan 2024.

QUEIRÓZ, Silvânia de. **De volta às trincheiras: o revisionismo histórico paraguaio e a Guerra contra a Tríplice Aliança (1870-1930)**. 2018. 230 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, RS, 2018.

ROCHA, Danilo Aparecido Champan; PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. O Diabo Coxo e a fundação da imprensa ilustrada em São Paulo. **Dimensões**, n. 45, p. 342-370, 2020. Disponível em < <https://periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/21065/22878> >. Acesso 10 Jan 2024.

SALLES, R.; ARRAES, V. **Documentos históricos – Diários do tenente-coronel Albuquerque Bello**. Notas extraídas do caderno de lembranças do autor sobre sua passagem na Guerra do

Paraguai. Volume CXII. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura, Fundação Biblioteca Nacional, 2011.

SILVA, Denise Moraes Gouveia da. **Compram-se soldados!** Os libertos da província da Bahia na Guerra do Paraguai. 2016. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

TOLEDO, C. de A. A.; PAULA, F. de C. G. de. Caricaturas da revista ilustrada. **Cadernos de História da Educação**, v. 20, n. 1-12, e020, 2021. Disponível em < <https://doi.org/10.14393/che-v20-2021-20> >. Acesso 10 Jan 2024.

Artigos Livres

Recebido em: 26 jan. 2024.

Aprovado em: 16 abr. 2024.